

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

VILMA GOMES DE LIMA

**O DESAFIO DE SER LETRADA NA IDADE MÉDIA: UMA LEITURA DE
CHRISTINE DE PIZAN**

MARINGÁ

2011

VILMA GOMES DE LIMA

O DESAFIO DE SER LETRADA NA IDADE MÉDIA: UMA LEITURA DE CHRISTINE
DE PIZAN

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia sob a orientação da Professora Dr^a Terezinha Oliveira.

MARINGÁ

2011

DEDICATÓRIA

À dama Laudence, minha querida irmã, por seu incentivo, carinho, e exemplo de mulher sempre forte.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo seu amor, força, coragem e audácia a mim concedidas, para vencer todos os obstáculos que surgiram durante a graduação e que foram superados.

À minha família de damas queridas: Laudenice, Valquíria, bem como, meus sobrinhos Emilly e Lohan, pela confiança e por me apoiarem sempre.

À querida dama Professora Doutora Terezinha Oliveira, por sua atenciosa e minuciosa orientação, por acreditar em mim e me possibilitar o acesso a tão prazeroso trabalho.

Às damas e amigas de graduação: Ana Paula, Angela Aline, Olívia, Solange, Suzana e Suzi, por me apoiarem e fazerem parte da minha vida.

Às damas e colegas de trabalho: Ana Paula, Elieth, Gislaine, Leila, Márcia, Maria e Patrícia, pela paciência, força e compreensão quando precisei me ausentar.

O desafio de ser letrada na idade média: uma leitura de Christine de Pizan

Resumo: O presente artigo buscou analisar os desafios que a mulher vivenciou no que diz respeito à produção do conhecimento nos séculos XIV e XV. Para representar a figura feminina do contexto histórico supracitado, foi analisado o pensamento de Christine de Pizan (1364-1430), a partir de sua obra *La Cité des Dames*, que discute temas como educação, diferença de sexos, igualdade, estupro, violência, entre outros aspectos; trata-se de um *compilatio*. A autora questionou a proeminência intelectual masculina e, como dama, enalteceu a mulher por meio de argumentos e exemplos de mulheres virtuosas. Christine defendeu a valorização da mulher pelo viés da educação e do saber para a formação humana, dentro das possibilidades de sua época, reivindicando as mulheres o acesso ao conhecimento, do mesmo modo que era possível aos homens.

PALAVRAS-CHAVE: Christine de Pizan. Educação Feminina. *La Cité des Dames*. Misoginia.

Abstract: The present article sought to analyze the challenges that women lived about the knowledge on the XV and XIV century. To represent the feminine figure on the aforementioned historical context, we studied the thoughts of Christine de Pizan(1364-1430) from her book *La Cité des Dames*, which discusses themes such as education, the differences between the sexes, equality, rape and violence, among other aspects, it is a *compilatio*. The writer questioned the masculine intellectual prominence and, as a lady, praised the women by arguments and examples of virtuous women. Christine defended the women valorization through the bias of the education and of the knowledge to the human formation, within the possibilities of its time, claiming the women access to the knowledge as the same way it was possible for men.

Key words: Christine de Pizan. Feminine Education. *La Cité des Dames*. Misogyny.

Sumário

| | |
|--|-----------|
| 1.Introdução..... | 07 |
| 2.Contexto histórico..... | 08 |
| 3. Vida e obra de Christine de Pizan..... | 10 |
| 4. Exemplos de mulher..... | 12 |
| 5. <i>La Cité des Dames</i>..... | 16 |
| 6. Considerações finais..... | 18 |
| 7. Referências..... | 21 |

1. Introdução

Estudar este tema como Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia foi para mim um desafio, posto que nosso objeto de estudo, Christine de Pizan, é uma autora pouco conhecida no Brasil. Todavia, ao conversar com minha orientadora, Professora Dr^a Terezinha Oliveira, sobre a educação feminina na Idade Média, tive como sugestão estudar Christine e, mesmo conhecendo superficialmente sobre essa mulher do Medievo fiquei curiosa e pus-me a procurar quem foi essa figura tão importante para o Ocidente, em especial para a França dos séculos XIV e XV.

De acordo com Georges Duby (1990), percebe-se a ausência da mulher enquanto autora das obras que circulavam no Medievo. O que se escrevia era por mãos de homens, e quase sempre homens da Igreja, pois eles detinham o domínio da escrita e da leitura. Curiosamente, também, é um homem contemporâneo que nos apresenta com mais ênfase esta mulher, a medieval. É o historiador francês, do século XX, Duby, quem se destaca nessa busca pela figura da mulher, já que ela se encontra como “[...] a parte oculta” (DUBY, 1989, p.7) e, em seus estudos lança o desafio de procurá-la, analisá-la; daí, o presente estudo converge com o objetivo proposto pelo referido historiador e encontra sua justificativa.

Cumprir observar que essa masculinização medieval tinha nas relações sociais sua maior expressão, posto que fora uma época de constantes guerras, instabilidade social, conflitos cotidianos e violência em todas as camadas sociais, consequência das relações de poder que delinearam o medievo: “[...] foi, sem dúvida, uma civilização na qual os valores da guerra estavam presentes nos diversos âmbitos da vida cotidiana” (JARDIM, 2009, p.162).

A despeito de tudo isso, as mulheres medievais construíram e estabeleceram formas de convivência e cumpriram papéis sociais, pois assumiam as responsabilidades da casa quando seus maridos estavam ausentes, quase sempre por conta das guerras; trabalhavam no campo, na ordem da casa, no cuidado com os filhos, costuravam,

fiavam, teciam. Portanto, a sociedade medieval, assim como a de outros tempos, teve a presença e atuação da mulher, ainda que de maneira subordinada e não reconhecida.

É nessa discussão que Christine de Pizan se destaca, pois não aceitava essa inferiorização conferida à mulher, o que caracterizava a Idade Média como uma época em que a sociedade se expressava com fortes traços de misoginia¹. Em sua mais importante obra denominada *La Cité des Dames* (*A Cidade das Damas*), Christine expressou seu repúdio no tocante ao trato dos homens para com as mulheres.

Para fundamentar nosso trabalho, buscamos informações em teses de doutorado, artigos em páginas virtuais e alguns fragmentos relacionados à autora na obra de Duby e Perrot (1990)². Duas teses foram de suma importância na pesquisa, pois apresentaram Christine em uma linguagem polida e acessível. A primeira tese intitula-se *A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*, defendida por Luciana Eleonora de Freitas Calado, que se dispôs a analisar o livro *La Cité des Dames* e o traduziu para a Língua Portuguesa, inédito no Brasil. A segunda tese, *Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem moral de resignação*, sob a autoria de Lucimara Leite, analisou duas obras: *La Cité des Dames* e *Trois Vertus*. Há também uma monografia sob a autoria de Daniele Shorne de Souza, denominada: *O conhecimento não corrompe: o pensamento utópico de Christine de Pizan no alvorecer da modernidade*.

Esses trabalhos falam da vida de Christine, suas obras, seu fascínio pelas letras, a dedicação à leitura e a escrita por longas horas e, sobretudo, sua defesa pela moral da mulher - ou seja, seu empenho em provar que as mulheres estão propensas aos erros tanto quanto os homens. Dito de outro modo são pesquisas relevantes e convidativas a adentrar no mundo da mulher medieval, bem como, suas particularidades, afazeres,

¹ Misoginia é um modo difamatório de falar sobre as mulheres, o que é diferente de fazer algo a elas, embora o discurso possa ser uma forma de ação e mesmo de prática social, ou pelo menos um seu componente ideológico (BLOCH, R. Howard. **A misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Tradução: Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 12)

²DUBY, G.; PERROT, M. **História das Mulheres no Ocidente**.

religiosidade, relações sociais e matrimoniais, pois Pizan escreve sobre as mulheres e para as mulheres, como destaca as estudiosas mencionadas acima.

Com relação à metodologia, procuramos alicerçar nossas considerações na história social, pois assim é possível entendermos as situações do presente recuando até o passado, como afirma Marc Bloch: “[...] compreender o presente pelo passado” e, correlativamente, “[...] compreender o passado pelo presente” (BLOCH, 2001, p.19).

2. Contexto Histórico

Os séculos XIV e XV vivenciaram acontecimentos que marcaram profundamente a sociedade européia, conhecido como o fim do período medieval, início do Renascimento. Período de fome com proporções alarmantes, por conta das intempéries da natureza e clima instável, assolaram a humanidade. Contudo, os principais acontecimentos nesse momento foram a Guerra dos Cem Anos e a Peste Negra.

A Guerra dos Cem Anos foi uma disputa entre franceses e ingleses por território e poderio econômico, ocorrida de 1337 a 1453. Com a morte do rei Carlos IV (1328), Eduardo III, o rei britânico, reivindicava direito à coroa francesa por ser neto do monarca francês Felipe, o Belo (1285-1314); seu objetivo era fortalecer a Inglaterra.

As primeiras batalhas foram favoráveis aos ingleses, que tiveram apoio dos comerciantes de Flandres, mas a Peste Negra interrompeu por algum tempo as batalhas. Em 1356, a guerra recomeçou, e somente em 1453, por intermédio de um tratado de paz, cessaram-se os conflitos. A camponesa Joana d’Arc teve notória participação nas batalhas, embora, tenha sido vítima de uma conspiração e, sob acusação de feitiçaria, morrerá queimada (1431); Joana liderou um exército de aproximadamente cinco mil homens, algo atípico para uma mulher medieval.

Desse modo, a guerra consolidou entre os franceses um ideal de nação; aos ingleses a possibilidade de novas disputas³.

Em meados do século XIV (1348), a Europa foi surpreendida por um flagelo, um mal sem cura: a peste negra. Caracterizou-se pelo aparecimento de gânglios, ou seja, bubões cheios de sangue negro que eclodiam nas virilhas ou axilas, seguido de febre, sonolência e dores por todo o corpo; sua propagação ocorreu por conta dos barcos oriundos de Caffa, nos quais havia ratos contaminados com o bacilo, que era transmitido às pessoas pelas pulgas, e depois pelo contato humano⁴. Tornou-se uma pandemia; ninguém escapava e isso era aterrorizante, tal como nos relata Duby:

[...] nascia na coxa ou no braço uma pústula com a forma de uma lentilha. Ela impregnava e penetrava tão completamente o corpo que a pessoa era acometida de violentas expectorações de sangue. As expectorações duravam três dias ininterruptos, e morria-se quaisquer que fossem os cuidados tomados (DUBY, 1988, p. 118).

A peste negra marcou a Europa de forma catastrófica. O desespero estava por toda a parte, em todas as casas, nas cidades, nos campos, com o abastado e o miserável; tempo de dor, choro, lamento, espera da morte, separação entre as famílias.

As pessoas odiavam-se umas às outras a ponto de, se um filho fosse atingido pelo mal, o pai se recusava terminantemente a ficar do seu lado; e se ousasse aproximar-se dele, seria de tal modo atingido pelo mal que não haveria modo de escapar à morte: em três dias, entregava o espírito. E, das pessoas em sua casa, não era ele o único a morrer: os familiares da casa, os cachorros, os animais existentes na referida casa, todos seguiam o pai de família na morte (DUBY, 1988, p.118).

Esse era o cenário da Europa atingida pelo grande flagelo. Quanto ao trato com os mortos, uma vez que o medo e a certeza da contaminação eram convicções que

³ Referência para aprofundamento - SOUSA, R. **A Guerra dos Cem Anos**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/guerra-cem-anos.htm>>. Acesso em: 07 set. 2011.

⁴ LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

estavam presentes no cotidiano medieval, “Os cadáveres eram abandonados nas casas, e nenhum padre, nenhum filho, nenhum pai, nenhum parente ousava penetrar lá dentro” (DUBY, 1988, p.119).

Os médicos não encontravam as causas da terrível doença, mas algumas medidas foram tomadas: não se aproximar dos leitos dos doentes e dos mortos, não usar as vestimentas dos infectados, não ir aos funerais. Contudo, somente fazendo uso da limpeza e higienização é que a doença foi regredindo consideravelmente. É nesse período de dificuldades e de mudanças efervescentes que nasce Christine de Pizan.

3. Vida e obra de Christine de Pizan

Christine de Pizan nasceu em 1365, na Itália, mas viveu desde criança na França, país que adotou como lar e onde permaneceu até a sua morte, em 1430, no convento de Possy. Foi poetisa, filósofa e em suas obras abordou, explicitamente, a questão do gênero, refutando a postura misógina de seu tempo.

Seu pai, Tommaso di Bevenuto Pizan, mudou-se para a corte francesa a convite do rei Carlos V e lá trabalhou como médico e astrólogo. Em seu pai, Christine encontrou incentivo para estudar e deleitar-se nos livros e manuscritos na biblioteca real, à qual ela tinha livre acesso. Aprendeu latim e filosofia, embora sua mãe fosse contrária ao fato de uma mulher possuir este tipo de conhecimento, pois, para ela, Pizan podia se corromper e desviar daquelas funções as quais acreditava serem reais de uma mulher, a saber: cuidar do marido e dos filhos, bem como zelar por seu lar.

De acordo com LEITE (2008), aos 15 anos Christine de Pizan casou-se com Estienne de Castel, nobre da corte francesa, e com ele teve 03 filhos. Em 1386 seu pai morreu e, três anos depois, seu marido, deixando-a em dificuldades econômicas e à mercê de falsos credores que lhe tomaram os bens que seu esposo deixara. Somente após brigar judicialmente - pois conhecia as leis - obteve suas propriedades de volta.

Num momento de dificuldades e mudanças radicais, Pizan não pôde fraquejar. Por isso fez de seu saber e de sua intimidade com as letras seu sustento. Sua dedicação às letras trouxe-lhe prestígio e respeito. Além de escrever a biografia de Carlos V, traduziu obras, escreveu manuais didáticos e romances encomendados pela nobreza, em especial princesas e rainhas.

Pizan inovou porque fugiu aos padrões femininos vigentes de seu tempo e, mais ainda, sustentou-se por meio de seu trabalho como escritora, algo incomum para uma mulher medieval. Sua obra de grande destaque foi *A Cidade das Damas*, escrita em 1405, que trata de temas como educação, diferença de sexos, igualdade, estupro, dentre outras coisas⁵.

Essa obra foi uma resposta contra toda maledicência a que as mulheres estavam submetidas; por isso, a escritora envolveu-se na *Querelle des Femmes*. Trata-se de um debate literário que teve início na última década do século XIV, indo até o final do século XVIII. O objetivo de Christine era discutir as relações de gênero, posto que na obra *O Roman de La Rose*, a mulher era vista sob uma perspectiva de inferioridade física e espiritual em relação ao homem, ao mesmo tempo em que era a responsável pela entrada do mal no mundo (ALLEN apud FONSECA, 2009, p. 23).

Na Idade Média, a leitura do *Roman* foi uma obra inacabada de grande destaque, a qual girava em torno de um sonho alegórico sobre o amor. A primeira parte foi escrita por Guilherme de Lorris, em 1230; nela, a mulher era enaltecida e o amor se expressava embalado em poemas românticos; a segunda parte foi escrita por Jean de Meun, em 1280. Esse autor impôs um caráter depreciativo na obra no que diz respeito à mulher, ridicularizando-a, diminuindo-a em sua condição de ser gente, do mesmo modo que o homem, “[...] as mulheres, aí, foram só figurantes” (DUBY, 1989, p.74).

⁵ CALADO, L. F. **A Cidade das Damas**: A construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. Estudo e tradução. 2006. 371 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

Daniele Shorne de Souza (2009) considera que, nesse sentido, Christine se opõe às obras desmoralizantes em relação ao feminino não por razões literárias, mas por conta de seus argumentos difamatórios; seu questionamento se fez pelo fato de a mulher ser desprezada, desamparada e não ter acesso à cultura, privilégio, na maioria das vezes, apenas do homem.

Essa visão deturpada acerca da mulher teve sua origem na Antiguidade, principalmente em obras de Aristóteles (384-322 a.C.), como assinala Fonseca (2009):

É bastante conhecida a redução aristotélica da função da mulher na procriação à contribuição da matéria prima apenas, semente inativa e uniforme, à espera do princípio formador e animador encontrado no sêmen do homem. Isto, porque, segundo o filósofo, devido à superioridade do calor no macho, o seu sêmen se refina melhor e tem propriedade de possuir o princípio da Alma, enquanto que, na fêmea, a ausência desse refinamento resulta na produção impura do mênstruo (FONSECA, 2009, p. 23).

A citação evidencia algumas conclusões que os homens tinham acerca da mulher, de seu corpo e de suas funções fisiológicas, a exemplo de Aristóteles.

Para defender a mulher de um modo geral, existia espaço para o universo feminino nas obras de Pizan; existia uma voz que, utilizando-se da pena para escrever, defendia a valorização da mulher dentro dos limites de seu tempo pelo viés da educação. Para um melhor entendimento da posição política e social de Christine, convém que se observe como a mulher estava inserida nesta sociedade e qual seu papel.

4. Exemplos de mulher

A tríade interpretada pelos clérigos (DALARUN, 1990) aponta três exemplos de mulher: Eva, a responsável pelo pecado original, e, portanto, destruidora dos

homens; Maria, mãe de Jesus, exemplo a ser seguido; e Madalena, a pecadora arrependida, que esteve ao lado de Jesus Cristo e por Ele foi perdoada.

De acordo com Carla Casagrande (1990), em fins do século XII até o século XV, homens da igreja e alguns leigos, se propuseram a definir modelos de comportamento que deveriam ser seguidos pelas mulheres: eram as prédicas, tratados pedagógicos. Esses tratados de literatura didática e pastoral eram constituídos de prescrições que determinavam a postura da mulher; sua fala sempre contida e econômica era um molde de educação a ela conferida e que satisfazia aos pregadores, monges, clérigos, maridos, pais, enfim, aos homens.

No interior das representações sociais, a mulher medieval estava ligada à vida conjugal, conventual, o que era louvável na época em destaque. Para as viúvas, a Igreja aconselhava a transposição para um mosteiro, a fim de manter-se casta.

Nesse contexto, a mulher era vista sob três formas, sendo através delas classificadas (DUBY; PERROT, 1990): virgem, casada ou viúva; cada qual teria sua função e deveria cumpri-la de modo exemplar, sem questionamentos. Vale ressaltar que o estado virginal era digno de louvor e exemplo a ser seguido na Idade Média. Por isso, a mulher que não fosse entregue a um homem por meio do matrimônio, estava propensa à vida conventual. A seguir, mostrar-se-á como se desenrolavam essas classificações no medievo.

A virgem: era o dever dela se manter livre de pensamentos libidinosos, para guardar-se de corpo e de mente, requisito fundamental para a moça que queria dedicar-se à vida monástica, modelo de renúncia aos prazeres carnis, ato enaltecido pela Igreja. Muitas moças optavam por esse caminho não por vocação, mas para fugir de um casamento indesejado, da violência doméstica e da morte no parto, muito frequente na época devido às condições precárias de vida e conhecimentos médicos rudimentares.

A casada: submissão, obediência, dedicação, compostura, moderação, e fidelidade eram responsabilidades confiadas à mulher casada, as quais teriam de ser

respeitadas e por elas vivenciadas literalmente. Em seu livro *Idade Média, Idade dos homens*, Duby nos apresenta vários aspectos da vida matrimonial, bem como sua relevância para o poder litúrgico e jurídico.

O casamento é um ato social, é a oficialização da união de dois sangues, de duas células sociais, nas palavras de Duby (1989). No século XI o casamento cristão fora sacramentado pela Igreja, a fim de se obter o domínio das inquietações sexuais, a chamada fornicação. Existia também o poder laico, que pretendia incentivar o casamento, o que resultou numa disputa de poderes. O poder eclesiástico e o poder temporal estavam entre o natural e o sobrenatural, o sagrado e o profano, sendo o primeiro sustentado pela Igreja e o último por leis que pretendiam garantir a manutenção de seu modo de produção, bem como a herança e os bens de geração em geração, e o casamento oferecia essa possibilidade.

Entretanto, o casamento não era a união pela união; era muito mais que isso, era um jogo, um trâmite feito e pensado pela família de ambas as partes, como nos relata Duby (1989, p.15): "[...] seu papel é assegurar sem prejuízo a transmissão de um capital de bens, de glória, de honra, e de garantir à descendência uma condição, uma 'posição' pelo menos igual àquela de que se beneficiavam seus ancestrais". Na escolha dos pares, as conveniências eram pensadas, e pensadas por homens; afinal, o casamento era assunto da alçada masculina. Portanto, cabia-lhes a tarefa de arranjá-los e sacramentá-los, por meio dos *sponsalia*⁶.

Segundo Duby (1989), nessas negociações a escolha do marido não era feita de acordo com o gosto da mulher, pois, sendo ela um ser desprovido de direitos, cabia-lhe apenas obedecer, aceitar essa nova etapa de sua vida sem indagações, sem questionamentos. O casamento era assunto de competência masculina, tratado por homens, e por eles determinado.

A partir dos doze anos de idade, a menina já estava 'pronta' para tornar-se esposa e mulher exemplar, e, mesmo sendo tão jovem, sua sorte era incerta. Ela poderia

⁶ Cerimônia pela qual se selava o pacto entre as duas famílias.

ser “[...] conduzida com grande pompa a um leito, para colocá-la nos braços de um velhote que ela jamais vira ou então de um adolescente pouco mais velho do que ela”, como relata Duby (1989 p. 31-32).

Desse modo, os sentimentos entre os noivos nos acordos matrimoniais não era prioridade, posto que essa união deveria perpetuar as riquezas, a cultura, os costumes entre as famílias, e não o sentimento chamado amor. Na melhor das hipóteses, pode-se imaginar uma relação de tolerância, como comenta Duby: (1989, p. 58) “[...] o amor do marido para com a mulher se chama estima, o da mulher por seu marido se chama reverência”.

Nesse sentido, a mulher devia ao marido respeito, obediência e atenção constante, pois, se o homem estava numa condição de superioridade em relação à mulher, não lhe eram impostas as mesmas regras; cabia-lhe vigiá-la, dominá-la, fazer valer seu direito de marido e dono absoluto de sua esposa e suas vontades. Uma possível saída para a recusa do matrimônio era a vida monástica, dedicada inteiramente à religiosidade, enclausurada em um mosteiro sob a vigilância da Igreja, mantendo-se virgem de corpo e de mente, evitando pensar no mundo e nos prazeres da carne.

A viúva: se estava liberta de suas obrigações sexuais, do mesmo modo o faria em sua mente, ignorando seus desejos, bem como a possibilidade de um novo matrimônio. Seu destino seria morar com a família ou se recolher em um convento. Cumpre destacar que a sexualidade da mulher nas condições acima descritas estava sob a vigilância da igreja e dos homens de uma forma geral. Dito de outro modo, a mulher virgem se fazia virgem para além de seu corpo, pois seus pensamentos estariam tal como sua matéria, limpos, desprovidos de concupiscência; a viúva, da mesma forma, uma vez livre do matrimônio, deveria dedicar-se a Deus e renunciar aos possíveis prazeres carnavais. A casada, embora, estivesse sob o domínio do marido e, portanto, sujeita ao coito, poderia fazê-lo sem a intenção do prazer, ou seja, o sexo se limitava a propagação da espécie, logo, “[...] os cônjuges não devem ter outra ideia na cabeça além da procriação” (DUBY, 1989, p. 18).

Nesse sentido, evidencia-se a condição da mulher medieval no contexto histórico que vai do século XII ao século XV; deste modo, a hierarquia de gêneros estava posta:

Neste público, as mulheres são antes de mais nada corpos consignados à Igreja ou à família: virgens não maculadas completamente dedicadas à vida da alma, mulheres fecundas que garantem a continuidade do núcleo familiar, viúvas capazes de esquecerem as exigências carnis para viverem a vida do espírito. A este público, aparentemente ordenado e tranqüilizante, e aparentemente imóvel e insensível às mutações da história, dirigem-se sermões, conselhos, avisos e ensinamentos de pregadores, clérigos, monges, maridos e pais (CASAGRANDE, 1990, p. 116).

Ora, com base no excerto acima, malgrado as mulheres estivessem com seu destino ‘traçado’, certamente havia, mesmo que timidamente, resistência por parte de algumas mulheres em viver literalmente sob essas determinações, a exemplo de Christine de Pizan, que se opôs a um novo casamento, não abraçou a vida conventual, e, ainda mais, fez uso das letras para manter a si e a sua família, fugindo, assim, à regra.

Falar-se-á, a partir de agora, a respeito da obra *A Cidade das Damas*, objetivando compreender seus pontos mais relevantes, bem como as intenções de Christine e seus objetivos maiores da obra supramencionada.

5. *La Cité des Dames*

Escrita no ano de 1405, século XV, intitulada *La Cite des Dames* (na língua portuguesa lê-se: *A Cidade das Damas*), a obra fora dividida em três livros, com um total de 138 capítulos. Vale ressaltar que as considerações feitas acerca dessa obra foram possíveis por meio dos trabalhos citados anteriormente.

De acordo com Luciana Calado (2006), as primeiras produções literárias de Christine eram de conotação melancólica, evidenciando sua dor, que tem como causa a morte de seu amado, com o qual ela afirma ter sido feliz em dez anos de matrimônio e com ele teve três filhos; o processo de luto de Christine durou cerca de cinco anos.

Passado o luto, Pizan não buscou outro casamento, não quis a vida conventual e, para manter-se e a sua família continuou escrevendo, direcionando-se por literaturas que tratavam da arte da guerra, da administração real e, sobretudo, da defesa da mulher. Nesse sentido, verifica-se a importância de Pizan na sociedade em que viveu e sua tomada de decisão em defesa da mulher num ambiente em que a masculinidade era sinônimo de supremacia.

A construção da referida obra apresenta-se com criatividade, dedicação e domínio de escrita e leitura por parte de Pizan, fruto de sua educação privilegiada desde a mais tenra idade, seu acesso às obras que compunham a biblioteca real lhe concederam sensibilidade, conhecimento e autoridade no que concerne à luta por um lugar digno da mulher na sociedade.

Segundo Souza (2008), Pizan construiu sua obra por meio do *compilatio*, técnica que permite fazer um texto a partir de textos de outros autores. No caso de *A Cidade das Damas*, foram utilizadas as obras de Giovanni Boccaccio (1313-1375): *Decameron* e *De Claris Mulieribus*. Para tanto, a autora fez alguns ajustes convenientes ao perfil das mulheres citadas na obra, o que implica, para exaltar a figura feminina, omitir tudo que a denegrisse; com isso, as obras de autoria masculina de caráter misógino eram refutadas e caíam em contradição, pois o uso de argumentos permeou toda a obra de Pizan, de modo que as mulheres estavam a salvo de todos os ataques provenientes do sexo oposto.

A poetisa inicia sua obra descrevendo sua decepção ao buscar alento em uma leitura menos densa no livro *Lamentações de Mateolo*, porém, o que encontrou nessa obra deixou-a estarecida, posto que a mulher apresentava-se como um ser frágil, desprovido de inteligência e propensa aos vícios. As acusações lhe soavam como um

grito uníssono ao ouvido, ao ponto de causar-lhe uma confusão de pensamentos e questionar a Deus: como, sendo Ele um ser perfeito, pôde ter criado a mulher com tão ínfimo valor?

Em seu desespero por ocupar um corpo feminino, aparece-lhe três Damas: Razão, Retidão e Justiça, que vieram consolá-la e tirá-la de seu estado de alienação. A partir desse momento, a proposta das damas era a construção de uma cidadela, onde as mulheres estariam protegidas de toda sorte de dissabores, infortúnios e maledicências. Cada dama traz consigo um bastão na mão direita: a Dama Razão tinha um espelho, para que as pessoas pudessem enxergar seus defeitos e qualidades, por meio da consciência; a Dama Retidão tinha uma régua, para separar o bem do mal e, para precisar os muros da cidade com perfeição; e a Dama Justiça trazia uma taça de ouro fino, para julgar a cada um segundo seu proceder.

Verifica-se que as três Damas eram indissociáveis, trabalhando em conjunto para o bem de todas aquelas que habitariam a cidade quando estivesse pronta. A obra se desenrola em caráter argumentativo; a autora impõe suas indagações acerca de tudo o que denigre a imagem da mulher, como as obras de autoria masculina, e, em contrapartida, as Damas lhe respondem por meio de exemplos de mulheres virtuosas, dentre elas: rainhas, princesas, amazonas, filósofas, esposas, filhas, mulheres da bíblia e mulheres pagãs.

Para compreender melhor esses exemplos, convém verificar a classificação feita por JULIANI (2011) a respeito do que Pizan considerou como mulher virtuosa:

- As princesas que rivalizaram em sabedoria com renomados reis;
- As mulheres guerreiras (senso de força física);
- As mulheres com aptidão para as ciências;
- Damas com senso de prudência;
- As sibilas e profetisas;
- As filhas que amaram seus pais imensamente;

- Mulheres que amaram seus maridos (contra-argumento para os que são contrários ao casamento);
- Sobre mulheres que salvaram seus maridos da execução;
- Sobre aqueles que fizeram bem em aceitar conselhos de mulheres, ou de confiar segredos a elas;
- Algumas mulheres bíblicas;
- Argumentos contra os que dizem que as mulheres não devem ser educadas;
- Argumentos contra aqueles que acreditam que existem poucas mulheres belas e ao mesmo tempo castas;
- Argumentos contra aqueles que dizem que as mulheres querem ser violentadas.

Desse modo, percebe-se o cuidado que Christine teve para exaltar a mulher, bem como, recebê-la em um lugar que lhe possibilitasse segurança e paz, a saber, A Cidade das Damas, que já estava fechada e concluída.

Para governar a cidade, a Dama Justiça traz Maria, mãe de Jesus Cristo. Seu exemplo de amor e serviço a Deus lhe fez a mulher mais digna entre todas; por isso, Justiça a chamou acompanhada de outras mulheres santas, como Maria Madalena. A autora finaliza sua obra com louvores a Deus, menciona sua alegria ao ver a cidadela coberta de virtude e aconselha as mulheres casadas, viúvas e virgens a serem pacientes, a andarem de modo digno, cada qual na sua condição.

6. Considerações Finais

Esse estudo possibilitou a oportunidade de se conhecer mais a fundo a mulher medieval, em especial, dos séculos XIV e XV, a partir do olhar de Christine de Pizan. Foi possível compreender como as relações entre homens e mulheres se conduziam, os papéis sociais de cada um, e principalmente o desejo de chegar ao conhecimento por

parte de ambos os sexos, embora, as portas do saber científico estivessem, na maioria das vezes, fechada para as mulheres.

Ao se realizar um recuo até os antepassados da humanidade, percebe-se que a mesma, por meio de suas capacidades intelectuais, sempre expôs o que estava acontecendo na sociedade de várias maneiras, por meio de escritos, pinturas, visões, poemas, sonhos, alegorias, entre outros, desde os tempos de Homero, Platão, Sócrates, Santo Agostinho, Christine de Pizan, Georges Duby até nossos dias, até quando for possível.

No âmbito da educação esse exercício se faz mister, pois é necessário que se busque o conhecimento, a fim de que os profissionais da educação ao mesmo tempo se tornem e formem pessoas comprometidas com o coletivo e possibilitem a disseminação do saber. Certamente não construir-se-á uma cidadela como a de Christine, mas é evidentemente possível mapear o lugar do educador na sociedade e seu dever na condição de docente.

A análise da obra *A Cidade das Damas* proporciona uma aproximação com o pensamento de Christine e sua defesa à mulher por meio da escrita. Dada a relevância da obra, entende-se que esse estudo pode ter continuidade, pois os escritos de Pizan são pouco explorados, o que nos instiga a buscar outros saberes por meio dessa autora.

REFERÊNCIAS

ALLEN, P. **The Concept of Woman**. The Aristotelian Revolution. 1250. Montreal: Eden Press, 1985.

BOCCACCIO, G. **Contos do Decameron**. São Paulo: Scrinium, 1996.

BLOCH, R. H. **A misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Tradução: Claudia Moraes, Rio de Janeiro, Editora 34, 1995 p. 12)

BLOCH, M. **Apologia da história**, ou, O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CALADO, L. E. F. **A Cidade das Damas: A construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan**. Estudo e tradução. 2006. 371 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

CASAGRANDE, C. A mulher sob custódia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **História das mulheres no Ocidente**. Coimbra: Afrontamento, 1990, v.2.

DALARUN, J. Olhares de clérigos. In: _____; _____ (orgs.). **História das mulheres no Ocidente**. Coimbra: Afrontamento, 1990, v.2.

DUBY, G. **A Europa na Idade Média**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **Idade Média, Idade dos homens: do amor e outros ensaios**. Tradução: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUBY; PERROT, M. (Orgs.). In: _____. **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média**. Coimbra: Afrontamento, 1990, v.2.

FONSECA, P. C.L. **Vozes da misoginia medieval**: Aristóteles disseminando em Santo Isidoro de Sevilha, Santo Anselmo e São Tomas de Aquino. Notandum, n. 21, p. 23-29, 2009.

JARDIM, R. B. Representações do masculino e do feminino na Castela do século XIII. In: Oliveira, T. (org.). **Educação, História e Filosofia no Ocidente**: Antiguidade e Medievo. Itajaí: Univale Editora, 2009, p. 161-174.

JULIANI, T. J. **A construção do livro Cite des Dames de (1405) de Christine de Pizan**. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/textos/text36>>. Acesso em: 10 set. 2011.

LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEITE, L. **Christine de Pizan**: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação. 2008. 228 f. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa e Estudos Medievais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

SOUZA, D. S. **O conhecimento não corrompe**: o pensamento utópico de Christine de Pizan no alvorecer da modernidade. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de História, Universidade Federal do Paraná, 2008.

SOUSA, R. **A Guerra dos Cem Anos**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/guerra-cem-anos.htm>>. Acesso em: 07 set. 2011.